

CRONICA

As doentes do Porto

Um nuvem de desleixo, de deselegancia, baixou, ha ja algum tempo, sobre as cabeças femininas do Porto.

As mulheres das premières, dos Trottoirs, as ab literatas e as mundanas, exibem-se com um ar contistado... Aparecem sem o garbidismo das faces. Aparecem vestidas de melancolia. Empoadas de tristeza. As que tinha a minha admiracao, as minhas amigas, as mulheres que são folhas policromas e adoraveis de ~~meus~~ magazine dos meus conhe- cimentos, ^{agora} Também se não salvam, desta doença de desprendimento de elegancia... Nesta doença que eucompro em todas as mulheres que vejo nas ruas. Que me apavora. Que transformou as ruas em hospitais femininos. Em casas de paude... sem a paude da bele-

34.
Estas mulheres envolvidas num gaze morbida, que passam por mim nestas tardes de um veludo cinereo, transparente, parecem-me mortas. Mortas a ardar! Sem um sorriso. Sem um sorriso requintado dos modi- los de Poirer ou Trecoll. Vão metidas num caracol

2

adiprosos. Vão metidas, pensadamente, ~~ingataudes~~
que a moda de este outono fez aos modelos do
outro outono... E vão às escuras. Vão sem a luz do
actualismo da moda.

~~Algunhas das~~
mulheres que agora vejo ensombrecidas, pavoro-
samente deselegantes, encontrava-as em Agosto e
Setembro na Foz e em Vizela. Vi-as em fendas
de côes. Passaram os dias de verão num sorriso. Pin-
taram-se de alegrias! Esta mutação pavorosa intri-
ga-me, assusta-me assim, muito mais. Respeita-me.
Eu necessito de encontrar alguém que saiba rir. Ne-
cessito-o para estar de acordo com as minhas con-
cepções buc-à-braquianas de risos.

Os meus olhos exigem vis gestos, movimentos, olhares, que
sejam affiches de vida, de ruído, de irridiações.
Os meus olhos, num habito de apertados do vício da de-
gancia, percorrem agora, as castas do chá. Vêem de lá
entorpecidos. Saem ~~afis~~ numa oração de lamento.
De condolências a esta parada de lábios tiritantes,
das coradas, que mal beijam as chicaras. Vêem
meios olhos de mãos enlucadas e de monoculos que por-
elegados ao silencio dos tumulos. Não passa o mur-
múrio de um dialogo. Um silencio automatico orde-
na! Impõe-se nenas catacumbas onde o brilho das
colheres e das pérolas parece ter recuo de ~~o~~ arruatar.
Estas pobres deselegantes, estas doentes que o Posto osten-
ta, não podem, apesar do estado perigoso da sua doença,

5

são designadas. A sua morbidez é um caso per-
verso de deselegancia. Não há, porém, um principio.
Estas doentes são um grupo de enigmas sem eti-
quetas. Falta-lhes, evidentemente, a admirade, os con-
selhos dos ultimos numeros da femina e da Vogue.
Mas, os seus olhos, as suas mãos... podiam, ainda, vestir-
se de maneira requintada graças!...

As intellectuais tem o mesmo rictus deselegante.
Falta-lhes o rouge da eloquencia da literatura moder-
nista. Lêem Musset e fazem meia.

Cada livro de verso que sae das suas mãos, cada
maço de prosa que põem à venda é um testamento
de lagrimas. Um alar de palavras de ingenuos
pecados e de confissões palissianas.

Eu tenho uma grande estima pelas minhas illus-
tres collegas portuenses. Que encontro nos jornais,
nas livrarias. ~~Que~~ Vou-lhes ~~uma~~ ~~mea~~ ~~respei-~~
to e leio-as. Mas, na ultima gota sentimental de
um soneto, na ultima sílaba de um conto, de um
livro, de um artigo, — lamento-as! Comprade-me
das ^{supr} doctas ideias.

A falta de um gosto e desenvolvimento modernista
nas mulheres intellectuais do Porto, é uma afieira mes-
quinha. As mulheres, hoje, devem deixar de ^{ver} contar
os momentos em ^{que} as alfinetizam as asas dos dis-
sones. Pobres talentos! Supõem, de certo, que ainda encontram
alguem que tenha tempo para se compradeir de las. Que

as leia!...

Eu penso como Wilde: - As mulheres que falam verdade são sempre infelizes. - Mas eu, não acredito que as literatas do Norte confeçam o genial autor do "De Profundis". Não exagero. Há dúvidas que tais diplomas... De algumas, em várias noites literárias, tenho recebido das mãos desoladas confissões... - Não começam ninguém nos seus cérebros além dos românticos. De Johannuriz, Paul Morand, Reiner Maria Rilke, Colette e Jacob, e os ^{dois} gênios vintescos, não sabem nada... Tomam o chá e ouvem musica. ^{Quasi} sacra. Quasi de profundis...

Estas pobres doentes nem sequer possuem a elegancia de mentir. Refinam-se exteriormente. Nada mais. Mas deviam aprender a defendê-las com a ^{origem} ~~mente~~ de todas as verdades, - com a mentira. É um ardil que as salvava. Há dias encontrei um bouquet faux de de ~~estas~~ ^{estas} mundanas e de estas literatas no verme de de uma exposição de aquarelas. Como o carinho de um insidioso amigo, interpelei-as com um sorriso longo. Auscultei-as com um olhar que ~~as~~ ^{as} reborizasse. Afinal ~~ora~~ ^{ora} ~~foi~~ ^{foi} este primeiro torneio de fio que veio até nós quem as fez advocer... O remédio, de este modo, é fácil. Uma serie de conferencias intelectuais, ~~de~~ um decreto e uso rapido de pelicas, é eficaz. As doentes do Porto têm, pois, nas suas mãos o tónico de purgante. Confortados. As mulheres como os homens necessitam de viver a sua hora. A sua doença é,

pro consequente, uma vida de hora errada. De
hora a tragada...

Quase d'Amorim

... abbas...
... abbas...
... abbas...

Hand of the Foundation